



REVISTA INTER-LEGERE: PENSAMENTOS E IDÉIAS
“COMPRE TRÊS E PAGUE DOIS...
TUDO NO CARTÃO, DEZ VEZES SEM
ENTRADA... PRODUTO DE
PRIMEIRA QUALIDADE, *DESIGN*
EXCLUSIVO!... APROVEITE, COMPRE
LOGO... SÓ HOJE”¹¹⁴



REJANEA GUEDES PEDROZA

Especialista em Nutrição Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMO

Este texto pretende demonstrar, numa breve análise, que a concepção de consciência coletiva descrita por Durkheim e o inconsciente estudado por Freud não se contrapõem, mas se complementam, enfatizando que a pressão social quando interiorizada atua no plano individual como um censor, ou superego. Para tanto, utilizaremos o artifício da narrativa de um exemplo que está relacionado à prática e aos efeitos das armadilhas atidoras do consumismo numa determinada situação do cotidiano. Procuramos focar algumas *nuances* que tratam do dilema no qual o princípio do prazer confronta-se com o princípio de realidade, repercutindo na existência do indivíduo que realiza a ação e em seu entorno.

¹¹⁴ Texto elaborado como parte da avaliação da Disciplina Teorias Sociais Clássicas, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, semestre 2008.1, ministrada pelo professor Dr. José Willington Germano.

“Compre três e pague dois... tudo no cartão, dez vezes sem entrada... produto de primeira qualidade, *design* exclusivo!... aproveite, compre logo... só hoje.” Essa era a cantilena recitada repetidamente através do poderoso sistema de som daquela grande loja no mais novo, mais moderno, mais famoso shopping da cidade.

Os transeuntes, envolvidos pelas ondas sonoras, eram atraídos pelas cores, movimentos e formas festivas que haviam sido cuidadosamente preparadas para a grande **Promo-liquidação cidade feliz.**

Alguns mal ouviam, pois estavam absortos em pensamentos sobre o horário e afazeres do trabalho. Não tinham tempo para prestar atenção às propagandas. Mais tarde voltariam para ver que alarde era aquele.

Outros torciam o nariz comentando que isso ou aquilo não faziam o seu estilo. Mas a grande maioria dos passantes parava para ver, ouvir, provar, comprar. A isca estava insinuando-se e o aquário humano fervilhava como um grande cardume de sardinhas consumidoras, ávidas por novidades mercadológicas.

Passeando pelo *shopping*, uma moça chamada **MARIA** se anima. É sobre ela que dirigiremos os holofotes dessa estória:

MARIA desvia-se de seu trajeto, pára em frente à loja, ouve com atenção. Seu olhar parece hipnotizado. Certamente está pensando com seus **botões**:

- Estou sem dinheiro, mas essa é uma promoção IM-PER-DÍ-VEL. Na verdade eu já tenho esse utensílio em casa. Comprei numa liquidação há alguns meses, mas ainda não usei, nem sei bem para que serve... Mas é tão bonito! ... Huumm... Acho que eu mereço esse presente. Vou levar 1 para mim e os outros 2 para presentear em algum aniversário. É! Eu mereço mesmo esse presente. Já fiz tanto sacrifício em minha vida... Além disso, essa **coisa** é a **minha cara**.

Compra imediatamente, para a alegria do vendedor que contabiliza sua comissão com muita satisfação, R\$, R\$, R\$. Mais um peixe cai na rede. R\$, R\$, R\$.

Nos meses seguintes, a fatura do seu cartão de crédito extrapola todos os limites e a consumidora compulsiva amarga juros astronômicos, além da terrível ressaca moral que costuma lhe ocorrer após as extravagâncias consumistas. No armário, empoeirando-se, junto de muitos outros objetos amontoados, estão as 3 belíssimas embalagens ainda lacradas daquele objeto promocional que a fascinou naquele passeio casual. Uma forte sensação de frustração e infelicidade entra mais uma vez em cena. Torna-se irritadiça e depressiva. Para piorar, o marido reclama, acusando-a de esbanjadora e descontrolada. Por causa do gasto não planejado eles terão que atrasar o aluguel. Aos berros, diz que ela deveria procurar um psiquiatra, porque ela só pode estar louca. Passarão mais uma semana brigados e **fazer sexo**

está fora de cogitação. Ele vai beber no bar da esquina para não ouvir os gritos dos filhos que choram desesperadamente no meio da confusão. Enquanto isso, os vizinhos espicham-se nas janelas para saber que **barraco** é esse.

Em sua revolta contra a atitude consumista da mulher, o marido aceita os afagos de uma paquera. Daqui em diante, a continuação fica a critério da fantasia do leitor...

Neste relato, podemos até pensar que o texto faz parte de uma comédia. Na verdade, seria cômico, se não fosse tão trágico para o cotidiano daquela jovem e sua família. A situação possui forte apelo em nossa imaginação. **Quem jamais sucumbiu à tentação das promoções atire a primeira pedra e pare de ler esse texto.** Mas se você é um consumidor, assim como eu, convido-o a adentrarmos numa pequena e tímida **dissecação** dessa estória, cujos personagens são os indivíduos e suas representações imaginárias numa mesma sociedade. Assim o faremos por considerar que a cena descrita na qual a protagonista sucumbe às tentações do consumo envolve não apenas um indivíduo, mas uma complexa rede de relacionamentos diretos e de fatores externos que envolvem e influenciam a coletividade.

Iniciaremos a jornada tomando como base a reflexão sobre a existência de uma **Consciência Coletiva**. Para tanto relembremos o trabalho do sociólogo francês **Émile Durkheim** (1858-1917). Segundo ele, a consciência coletiva é um arcabouço [cultural](#) de [idéias morais](#) e normativas. Acreditava que o [mundo](#) social existe até certo ponto à parte e externo à vida [psicológica](#) do indivíduo.

Durkheim abordou a sociedade como um fato *sui generis* e irredutível a outros, como um conjunto de ideais constantemente alimentados pelos indivíduos que fazem parte dela. Ele acreditava que o animal homem torna-se humano, diferenciando-se do animal selvagem a partir da socialização, que corresponde a um processo de aprendizagem de hábitos e costumes, mediada pelos outros humanos e pelas convenções sociais características de seu grupo social, tornando-o apto a conviver no meio deste. Para ele, a consciência coletiva seria introjetada durante a nossa socialização e seria composta por tudo aquilo que habita nossas mentes e que serve para orientar e ensinar como devemos nos comportar. Esse **tudo** foi chamado de "**fatos Sociais**", sendo estes os verdadeiros objetos de estudo da Sociologia. Pretendeu demonstrar que os **fatos sociais** têm existência própria. A seu modo, partiu em defesa das instituições por reconhecer que o ser humano necessita se sentir seguro, protegido e respaldado. Uma sociedade sem regras claras, sem valores, sem limites levaria o ser humano ao desespero. O homem que inovou construindo uma nova ciência, a Sociologia, inova novamente se preocupando com fatores psicológicos, antes da existência da Psicologia. Seus estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da obra de outro grande homem: **Sigmund Freud** (1856 a 1939), médico, nascido na Tchecoslováquia.

O pensamento de Freud representa um verdadeiro corte epistemológico e pode ser considerado um marco na história das idéias. Em sua vasta obra, desenvolve um novo tipo de abordagem dos problemas que vemos impor-se em campos bastante diversos. No livro **Totem e Tabu**, ele conduz a reflexão de que existe uma estrutura básica reguladora do comportamento dos homens. Para ele, tudo que o homem cria, é expressão/manifestação do **inconsciente**. Para a psicologia freudiana, o nosso aparelho psíquico, ou estrutura da personalidade, é formado por três componentes ou sistemas: **Id, Ego e Superego**.

Denominou o **Id/Isso** que corresponde à fonte de toda a energia psíquica inata. É uma instância inconsciente que visa à satisfação imediata na busca exclusiva do prazer, tendo assim a função de descarregar as tensões biológicas. A busca narcísica desmesurada e egocêntrica do prazer levaria a constantes frustrações e conflitos no mundo real.

O **Ego/Eu** orienta as pulsões de acordo com as exigências da realidade. Controla as exigências instintivas do **Id**. Tem o papel de árbitro na luta entre as pulsões inatas e o meio. É pressionado pelos desejos insaciáveis do **Id**, a severidade repressiva do **Superego** e os perigos do mundo exterior. Se o indivíduo se submete ao **Id**, pode se tornar perigosamente amoral e destrutivo; submetendo-se ao **Superego**, pode enlouquecer de desespero, pois viverá numa insatisfação insuportável; se não se submeter à realidade do mundo, tem muitas chances de ser destruído por ele. Por esse motivo, segundo Freud, a forma fundamental da existência para o **Ego** é a angústia existencial. Tal estratégia tem a dupla função de, ao mesmo tempo, recalcar o **Id**, satisfazendo o **Superego**, e satisfazer o **Id**, limitando o poderio do **Superego**. Nos psicóticos o **Ego** sucumbe, seja porque o **Id** ou o **Superego** são excessivamente fortes, seja porque o **Ego** é demasiadamente fraco.

A instância do **Superego/Supereu** corresponde à consciência moral que se liga à culpabilidade e à autocrítica. Representa um conjunto de valores nucleares, como: honestidade, sentido de dever, obrigações, sentido de responsabilidade e outros; representa, no plano inconsciente, a autoridade do grupo social e faz a censura dos impulsos que a sociedade proíbe ao **Id**, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos. Funciona como um poderoso freio dos instintos.

Estas três instâncias raramente estão em equilíbrio. Pelo contrário, existem desafios constantes entre o **Id** e o **Superego**, que se digladiam para tomarem o controle. Os padrões de comportamento resultantes deste processo constituem a personalidade. Na estória de Maria podemos perceber esse desequilíbrio com bastante evidência. Por falar em Maria, vamos retornar ao relato narrativo.

No primeiro movimento, a propaganda implementada pela loja, uma instituição comercial, é a **alma do negócio**. O apelo se posiciona em múltiplas entradas de sedução.

Inicia-se pelo volume a ser adquirido (leve 3 e pague 2, como se houvesse o brinde de 1 objeto extra); em seguida, a opção de não usar dinheiro e sim 'jogar na fatura do cartão', colocando a opção de um pagamento futuro; de adiar o sofrimento em função da satisfação do prazer de consumir no agora. Aqui lembro da frase: "o que os olhos não vêem, coração não sente". Tenho vontade de complementar com: Não sente no momento, mas depois pode entrar em colapso.

O produto com *design* arrojado, exclusivo, de primeira qualidade, ativa o desejo de possuir aquele bem tão bom. Por fim, evidencia-se a mensagem subliminar que é repetida várias vezes: Compre logo! Compre já!

O indivíduo que é capturado pela mensagem do produto ofertado, passa a dialogar com partes de si mesmo que normalmente estão silenciadas ou reprimidas. Para Freud, esse diálogo ocorreria no inconsciente e se manifestaria no mundo conhecido como realidade.

Ao cair na **tentação** do consumo desenfreado, Maria vivenciou um turbilhão de emoções conflitantes. Racionalmente sabia que seu orçamento não permitia adquirir os produtos, mas queria gozar o prazer de ter seu desejo realizado naquele momento. Travava-se assim uma batalha entre o **princípio do prazer** e o **princípio de realidade**. Ela usou argumentos que procuraram justificar sua atitude. Tais justificativas atenuaram sua culpa imediata. Avalizaram sua decisão. Não mediu ou ponderou as conseqüências do seu ato. Quis sentir prazer e ser **feliz** no presente. Pelo jeito, essa situação é bem freqüente em seu padrão reativo. Provavelmente esteja intrinsecamente conectado à sua trajetória pessoal, ao seu romance familiar.

Na obra de Freud, o texto **O mal-estar na civilização**, escrito em 1929, dedica-se ao problema da felicidade, considerada por ele inatingível, e às exigências exorbitantes da organização social ao sujeito humano. Dizem que o famoso psicanalista tornou-se cada vez mais pessimista quanto ao futuro da humanidade, principalmente ao presenciar o advento da Primeira Guerra Mundial. A guerra, como meio de resolução dos conflitos, teria equiparado as sociedades ditas então **civilizadas** às sociedades tribais do interior da África e demonstrado que a *psique* humana teria uma integridade em sua constituição muito mais ampla, na escala espaço-tempo, do que até então se imaginava. Tanto nas sociedades primitivas quanto nas sociedades modernas, estariam presentes, além das pulsões de vida (eróticas), os elementos da morte (tanátos), da pulsão destrutiva.

O programa de felicidade, segundo Freud,

(...) se encontra em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo como com o microcosmo. Não há possibilidade alguma dele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da

'Criação'. O que chamamos de felicidade no sentido maior restrito provém da satisfação (de preferência imediata) das necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica (FREUD, 2002, p. 29).

Na impossibilidade de uma fórmula geral de felicidade, pode-se deduzir então que muito da felicidade individual é contrária ao ideal iluminista de uma razão universal, potencialmente idêntica em todos os homens, capaz de suprimir os conflitos individuais e gerar assim a felicidade geral. Boa parte dessa aparente felicidade é erigida à custa da infelicidade ou repressão dos prazeres de outros. O espaço social, desta forma, se torna um terreno instável marcado pelos diferentes movimentos de oscilação, de constante união e desunião, como podemos notar em vários momentos de nossa narrativa.

Tanto para Durkheim como para Freud, o homem não poderia viver só, mas estaria sempre ameaçado por seu semelhante que compõe uma civilização. No entanto, apesar da ameaça, este é o único espaço possível para as tentativas de constituição de um projeto comum que, acomodando interesses, torne possível a desradicalização das individualidades. Como diz Freud em um de seus ensaios:

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança (FREUD, 2002, p. 119).

Embora a vida em sociedade requeira imensos e traumáticos sacrifícios pessoais, que podem desencadear a neurose, sendo necessária a vida em comum, as pessoas precisam aprender a lidar com as renúncias e a aceitar as noções de conflitos e de diferença, ainda que inelimináveis, como partes constitutivas da vida em comunidade. Maria desrespeitou essa regra e pagou um preço alto, tanto no plano financeiro como no plano afetivo. Seu parceiro revoltou-se e a turbulência produziu uma esfera de conflito que englobou os filhos, as paqueras e os vizinhos. Todos passaram a ser atores num segundo ato de um drama que poderia ter sido evitado se o princípio de realidade tivesse prevalecido. Se ela (Maria) tivesse resistido à tentação consumista, mesmo que tal recusa implicasse em abrir mão da realização de seu desejo imediato.

Segundo Freud, a história do homem é a história de sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva. O **Id** incontrolado possui força destrutiva contra a ordem estabelecida, lutando por uma gratificação permanente que a cultura não pode consentir. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A

civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades e dos supostos prazeres – é abandonada. O júbilo da atividade lúdica é substituído pelo esforço, pela produtividade. A ausência de repressão cede seu posto para a segurança, muitas vezes mediada pelo aparato das instituições. Freud descreveu essa mudança, como a transformação do **princípio de prazer** em **princípio de realidade**. A interpretação do **aparelho mental**, de acordo com esses dois princípios, é básica para a sua teoria psicanalítica. Corresponde em grande parte à distinção entre os processos inconscientes e conscientes. É como se o indivíduo existisse em duas diferentes dimensões, caracterizadas por diferentes processos e princípios mentais.

Na vida social o **princípio de realidade** supera o **princípio de prazer**: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido. Por causa desse ganho duradouro, através da renúncia e restrição, de acordo com Freud, o princípio de realidade salvaguarda mais do que destrona, e modifica mais do que nega o princípio de prazer. Essa era a expectativa do marido de Maria. Ele revolta-se e a trata como uma neurótica compulsiva. Se ela tivesse agido de acordo com o princípio de realidade, teria conseguido, talvez, examinar melhor a questão, distinguindo entre o bom e o mau, o verdadeiro e o falso, o útil e o prejudicial.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é o grande acontecimento traumático no desenvolvimento do homem. Segundo Freud, esse evento não foi único, pois se repete ao longo da história da espécie humana e de cada um dos seus indivíduos. Filogeneticamente (gênero) ocorre primeiro na horda primordial, quando o pai primordial monopoliza o poder e o prazer, e impõe a renúncia, por parte dos filhos. Ontogeneticamente (indivíduo) ocorre durante a primeira infância, e a submissão ao **princípio de realidade** é imposto pelos pais e outros educadores. Mas, tanto no genérico quanto no individual, a submissão é continuamente reproduzida.

De acordo com a concepção de Freud, a equação de liberdade e felicidade, sujeita ao tabu da consciência, é sustentada pelo inconsciente. A sua verdade, embora repelida pela consciência, continua assediando a mente, fornecendo pretextos e motivos para transgredir a ordem da razão. Maria experimentou essa argumentação **consciente/inconsciente** num **diálogo mental** que culminou em seu ato consumista.

Na publicação de **O mal-estar da civilização**, Freud põe em dúvida a capacidade das sociedades democráticas controlarem as pulsões destrutivas. Em **Totem e Tabu**, recorre ao mito do pai da horda humana primitiva, evocando o estado de natureza descrito por Darwin, para ilustrar a passagem daquele estado para o “estado social ou cultural”, lembrando que essa representação mítica não encontra confirmação histórica. Teria havido, nesta horda *primeva*,

uma estrutura onde o poder seria efetivamente exercido por um macho pretensamente onipotente, pai de todos, que detivesse o monopólio de todas as fêmeas do grupo. Seu poder seria despótico, com a punição daqueles que, mais fracos, individualmente se insurgissem. A insatisfação com esse estado de coisa, onde apenas um reservava para si o privilégio do prazer, teria levado os demais machos, filhos do autoritário pai, a se unirem para pôr fim à tirania do líder. Pela associação, teriam mais força do que o perverso que os punia. Assim, o resultado dessa associação foi o assassinato do pai. Tal situação também despertou enorme sentimento de culpa por parte dos ‘assassinos’ que precisaram, a partir daí, a estabelecer pactos de convivência social entre si. Cada indivíduo e o conjunto dos indivíduos atormentavam-se numa **relação ambivalente**, composta por impulsos afetuosos e hostis que se digladiavam permanentemente, aumentando os conflitos.

Em suas pesquisas, Freud constatou como as histórias pessoais, iniciadas desde a mais tenra idade, são marcos referenciais na edificação da personalidade, trazendo acopladas todas as situações conflituosas não resolvidas satisfatoriamente. Em torno do psiquismo, ficam gravitando complexos formados por conteúdos emocionais e vivenciais que passam a governar nossas vidas, mesmo que à nossa revelia, conduzindo a modificações na compreensão da realidade que passam a justificar comportamentos desajustados. A isso os especialistas chamam neurose.

Provavelmente os filhos de Maria carregarão consigo os efeitos das turbulências presenciadas na relação dos seus pais, assim como ela própria talvez traga em sua história os efeitos dos conflitos de seus genitores. Os nós, dentro de cada individualidade que somos, acabam por atar os nós sociais mais abrangentes, na perpetuação de estados doentios do homem e da sociedade.

Pensando sobre os motivos que nos levaram a fundamentar nossa análise em Durkheim e Freud, reconhecemos em seus estudos os fatores que os destacam como autores clássicos: ambos conseguem ser uma espécie de intérpretes da época em que viveram; a expressão de seus pensamentos continua atual, a ponto de as gerações que os sucederam, como a nossa, passarem a relê-los com interesse e porque cada um, a seu modo, conseguiu elaborar categorias gerais de compreensão necessários para interpretar a realidade. Freud navegava pelos oceanos do inconsciente e Durkheim voava nas asas do pássaro que conseguia visualizar a sociedade como algo mais do que a soma das partes individuais.

Graças a estas contribuições, podemos concluir que a neurose consumista de Maria reflete o conflito entre o jogo de forças das pulsões inconscientes instintivas e as pressões das convenções sociais, introjetadas nela mesma por sua experiência educativa na família e em outras instituições que fizeram e fazem parte de sua história de vida, interferindo nas relações

sociais com as pessoas de seu ciclo relacional e com outros membros invisíveis de sua comunidade.

Como diz a música **O princípio do prazer**, de Geraldo Azevedo: “Juntos vamos esquecer, Tudo que doeu em nós. Nada vale tanto pra viver o tempo que ficamos sós. Faz a tua luz brilhar, para iluminar a nossa paz. O meu coração me diz: fundamental é ser feliz...”

Feliz dia! Feliz (?) Maria!

REFERÊNCIAS

AKOUN, André. **Dicionário de Antropologia**. Portugal: Verbo, 1983.

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o sagrado**. Portugal: Edições 70, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1971.

_____. **A divisão do trabalho social I e II**. Portugal: Ed. Presença, 1977.

BIRMAN, Joel. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FAVROD, Charles-Henri. **A antropologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro, Imago, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes, 1970.

RAMOS, José. **A magia na aldeia global**. Pernambuco, Fundação Casa da Criança, 1985.

ROBERT, MARTHE: **A revolução psicanalítica**. Portugal: Moraes Editores, 1968.

WOLLHEIM, Richard. **As idéias de Freud**. São Paulo, Cultrix, 1971.